



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

3 de Junho de 1989

Ano XLVI — N.º 1180 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

1 Ontem, domingo, a meio da tarde, veio um rapaz dos nossos, de visita, com a esposa e os filhos. Conheci-o pequenino, vivo e irrequieto, quando entrou o portão da Aldeia para ficar conosco. Os anos passaram. A hora da partida para Angola chegou, entretanto. Era o ano de 1963. O pequeno, de então, com 11 anos, foi dos escolhidos para ir e erguer comigo a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Não somos nada sem estes garotos. Não fazemos nada sem eles.

A Obra da Rua nasceu, cresceu e vive do que é lixo aos olhos do mundo para manifestar a força de Deus e derrubar os fortes. Sem Ele, nada; sem eles, nada.

A propósito: Pouco antes desta visita, um casal e um amigo do casal quiseram falar comigo. No meio da conversa, com interesse de parte a parte, saíu, naturalmente, a pergunta:

— Porque não constroem mais Casas como esta?

— Venham um ou dois padres, com a marca da rua. Venham algumas — poucas — senhoras, com o mesmo sinal. O Calvário encher-se-á de doentes incuráveis e ergueremos novas Casas do Gaiato. Que o resto já está à espera — o garoto e o doente; e virão, por acréscimo, os meios materiais.

Voltemos à visita do nosso rapaz com sua esposa e filhos. A

sabedoria dos pequeninos, dos simples, dos de coração pobre, confunde os poderosos, os sábios, à maneira do mundo. Só há verdadeiro progresso social, em paz, quando as pessoas se fazem pequenas, abraçando o Caminho da Humildade que é o mais difí-

cil de percorrer. Então sentam-se, frente a frente, perdoam, dão as mãos e levam outras a fazer o mesmo.

— Olhe que eu já tenho quase 40 anos, dizia o rapaz.

Como o tempo passa tão depressa! Há pouco, garoto e vadio da rua, sem saber do pai e da mãe. Agora, homem responsável, esposo e pai. Dantes, não sabia o que era ter casa. A rua era o seu poiso. Agora, trabalhador consciente e sacrificado, vive no seu lar, comprado e pago, já, com

o suor do seu trabalho e mobilado com o fruto do seu esforço. A mãe cuida dos filhos, em casa. Dantes, julgava-me mestre e educador. Agora, fui seu ouvinte atento, a saborear a lição dos simples, dos que nada valiam.

Quem se julga digno de tal lugar? Mais ainda:

— O que mais me impressionava quando andava por lá, era a facilidade com que as famílias se constituíam e desfaziam. Era uma

Continua na página 4

O DIREITO DA FAMÍLIA

Em conversa com Professora que se aposentou a tempo de consagrar, «a tempo inteiro», ao serviço dos Pobres e marginalizados, a sua ainda grande capacidade de trabalho, foram eles, naturalmente, o assunto.

Como vicentina, é dos estratos mais decaídos que se ocupa. Porém, da vida docente que exerceu, não apenas em cumprimento da profissão de ensinar, mas assumindo, por imperativo de consciência, a missão de conhecer e acompanhar os seus alunos, colheu ela a sabedoria de detectar problemas que estão na base de muito insucesso escolar e de muitos desvios de comportamento. E isto em estratos sociais considerados de bom nível.

Esta experiência tornou-se um hábito; e ainda hoje, embora afastada da Escola, dedica grande parte da sua actividade a esta espécie de problemas, diligenciando ajudar a resolvê-los ou, ao menos, minorar os seus efeitos nefastos na vida de tantos

jovens. É uma acção escondida que Deus inspira e abençoa.

Na raiz de todos estes problemas, uma causa é constante: o mau funcionamento da instituição familiar. Seja o desencontro entre os pais; seja o desencontro entre eles e os filhos, motivado por uma sobre-ocupação profissional ou social; seja um laxismo daí resultante ou uma austeridade exagerada com que se pretende prevenir os perigos que uma atenção contínua, dia-a-dia, deveria evitar ou corrigir — é sempre o mau funcionamento da instituição familiar.

Problemas que a vida em sociedade, nos nossos dias, favorece...: O empolamento do objectivo da riqueza e da comodidade; a depreciação dos perenes valores do espírito e morais; o doentio desejo de vida fácil e consequente definhamento de uma vontade de

Cont. na página 4

CALVÁRIO

O Artur (na fotografia) em seu carrinho de rodas... Inseparáveis. Não o concebemos doutra forma. Nele faz a sua cama e as dos mais pequenos; maneja a máquina de malhas e come.

Veio para o Calvário com um ano de idade. Os pais, «aterrados» com a sua deficiência, desligaram. Se o tivessem assumido, seria hoje um mimo dentro daquele lar.

Nalgumas regiões, as famílias capricham e assumem com brio os seus deficientes. Tantos casos conhecidos...! Tenho bebido com alma o comportamento afectuoso de tantos pais e irmãos para com os seus filhos e manos.

Porém, infelizmente, muitos vão pela «lei antiga»: transportam os seus inválidos à mata mais próxima.

Quando esta sociedade de consumo acordará para o amor e a aceitação do sofrimento?

A dor aterra-nos.

A deficiência ainda nos causa um certo nojo.

É a fuga.

Queremos, sim, mais dinheiro e todas as comodidades. Por estas e aquele destronamos os verdadeiros valores.

Onde o amor, a doação e aquele espírito de sacrifício dos nossos pais e avós?!

A nova sociedade...

Nova?

Anquilosada e triste, digamos.

★ Dizla-me, há dias, um amigo: «Veja a paixão que as autoridades e o povo põem nos campos de desportos...»

Vê-se. Já fazem parte da mobília de todas as cidades, vilas e muitas aldeias. Ainda bem que assim é.

Somos pelo desporto-desporto. Não pelo desporto-violência. Muito menos, através da bola e sentimentos do povo, pela corrida ao dinheiro.

Que belo e evangélico seria a mesma paixão pelos problemas dos nossos deficientes — nas cidades, nas vilas e nas aldeias!

Esta paixão daria mais sentido às nossas igrejas e ao baptismo de quase todos os portugueses.

Padre Telmo



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

OFERTA — N' O GAIATO de 19 de Novembro pedimos uma televisão a cores para a residência dos mais pequeninos. Após algum tempo, um dos rapazes que esteve em nossa Casa, de 1959 até 1971, telefonou a comunicar que tinha uma prenda para oferecer. Veio cá e trouxe o presente: uma grande televisão a cores. Já está instalada e os «Batatinhas» muito contentes.

O Pai Américo procedia assim: «Naquela tarde dei loucamente. Distribui loucamente. É preciso não deixar que as fontes da Obra sequem. Nós não temos outras».

OBRAS — Estamos a aguardar o deferimento da Câmara Municipal para a cedência de materiais para melhoramentos no campo de futebol.

Aproveitamos para convidar Escolas de todos os níveis de ensino, empresas, paróquias, oficinas, clubes para nos visitarem e jogarem connosco uma partida de futebol.

PECUÁRIA — Temos sido visitados por um grande amigo que presta assistência médica veterinária ao nosso gado: 9 porcos e 14 vacas. O Diamantino e o Ludgero tratam dos animais.

CAMPO — A nossa quinta está muito bonita. Os batatais prometem. Colhemos as primeiras cebolas. Está tudo em flor! Plantámos tomateiros, pimenteiros e cebola valenciana. Semeámos, também, cenoura, alface, couve e feijão.

Os rapazes, que trabalham no campo, ceifam aveia para as vacas e regam as culturas, pois o tempo está quente...

KARATÉ — Todos os sábados, pelas 15 horas, reunimo-nos no pavilhão para fazermos ginástica. Agora, um nosso Amigo, professor de Karaté, tem vindo até nós ensinar ginástica e os truques daquela maravilhosa arte.

Joaquim Martins

FESTAS — Lamentando não podermos, este ano, corresponder ao desejo dos nossos Amigos que desejavam estar connosco na Festa anual, em Lisboa, presenciamos, há dias, os nossos irmãos de Setúbal, em sua actuação no Luísa Tody:

A Festa é o resultado da colaboração de muita gente que foi capaz de sair do seu comodismo e dar a mão. É trabalho dos nossos Rapazes.

Agora só um desejo: Que a Festa vivida não seja para terminar à porta, mas para a transportarmos no nosso coração. Fala-nos duma experiência muito antiga, mas ao mesmo tempo uma experiência recente: a experiência do Amor.

A Obra da Rua nasce da experiência que Jesus Cristo nos transmitiu: um Deus que ama o homem. Um Deus que não se contenta em olhar e dizer: 'coitadinhos dos homens que tantos erros cometem'; mas um Deus que se compromete com a humanidade, com cada homem que dá a sua vida para que possa ter a verdadeira Vida. Foi nesta experiência que a Obra da Rua nasceu. Também Pai Américo sentiu este mesmo desejo: Dar a vida para que o homem não andasse de rastos, mas para que pudesse andar de pé, independentemente de todos os erros. O homem foi criado

para poder, com a sua dignidade, andar de pé. Não ter vergonha dos outros. A Obra da Rua continua, hoje, com esta experiência de colocar o homem de pé, a andar. E isso é possível, como dizia Pai Américo: 'A vida tem sentido quando nós somos capazes de morrer do coração'. E morrer do coração, para todos nós, é sermos capazes de dar a mão. E o não olharmos para o nosso próximo, cruzarmos os braços e dizer: coitadinho. Coitadinho é a palavra mais triste que existe no dicionário porque revela um fracasso. As pessoas que dizem coitadinho são aquelas que têm olhos na cara e viram como toda a gente viu. Viram homens que precisavam que lhe dessem a mão e esse ver chegou ao coração e sentiu-se ferido, mas logo a seguir há a confissão do fracasso. Cruzam-se os braços, diz-se coitadinho — e não se faz mais nada. A Obra da Rua nunca utiliza a palavra coitadinho porque quer ser um sinal de que é possível pôr homens de pé quando todos somos capazes de dar a mão. E, quando isso acontece no coração dos homens, nasce uma alegria grande.

José Manuel dos Anjos Nunes

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL — Realizámos um encontro, pondo em campo o grupo B. Jogo bem disputado, com a bola rente ao solo.

A equipa — comandada tecnicamente pelo Antero — ganhava ao intervalo por uma margem aceitável: 3-0.

A segunda metade do tempo foi mais fácil: conseguimos dois golos e sofremos um. Resultado final: 5-1

OBRAS — Há sempre obras de construção civil em nossa Aldeia. Pequenas ou grandes. São muitos edifícios!

Ultimamente, os pedreiros levantam muros caídos ou arruinados. E os trochas pintam a caixilharia ou caíam as paredes das nossas residências.

Brevemente, o prédio que serviu a tipografia beneficiará de algumas remodelações e será destinado a salas d'aula, de convívio, etc.

VIDA MILITAR — É um dever que os jovens têm de cumprir. Agora, seguiu o Valdemar que, profissionalmente, se preparou na tipografia como fotocompositor.

O Valdemar é um rapaz que gosta muito de passar os tempos livres a ouvir os grandes ídolos da música: Transvision Vamp, etc.

FLORES — Vale a pena referir, mais uma vez, os belos jardins da nossa Aldeia!

Em todos os recantos há variadíssimas qualidades e tons. Seja nos canteiros, na copa das árvores ou, até mesmo, nas rampas — flores silvestres.

As flores dão vida e beleza à nossa Aldeia!

Paulo Jorge S. Lourenço

Conferência de Paço de Sousa

• O marido *esconde-se* e a pobre mulher (junto da senhoria) pede ajuda: — *Devemos a renda da casa! Gastámos mais com a doença do meu filho e o meu homem não tem o suficiente...*

Impávida, serena, a arrendatária não diz palavra! A *faltosa* nem sabia que dizer mais... Um quadro doloroso!

O servo dos Pobres volta, com algo na mão. Bate à porta e o marido torna a *esconder-se!* Inteira-se, melhor, da situação (que se repete) e procura uma solução definitiva. Respeita a privacidade. Deixa a renda na mão da esposa — para responsabilizar o casal, que solveu o compromisso, no mesmo dia, ao assomar das estrelas no firmamento.

Não é fácil a complexa problemática dos *novos Pobres!* No caso vertente, o homem é um bom artesão, mas *perde-se* um pouquinho, também, nos alicianes da *sociedade de consumo*.

Estamos situados numa Região (dita *intermédia*) entre o litoral e o interior, que vai perdendo a sua ruralidade. Afinal, todo o Vale do Sousa é, já, um vastíssimo *dormitório* do Grande Porto.

(Com a sua apresentação num colóquio.

em Vila Real: «O êxodo rural — em Portugal — é ainda uma realidade (por muito tempo, com certeza) por que, apesar de 22% da população activa trabalhar na Agricultura, o Produto Agrícola Bruto representa apenas 10% do Produto Interno Bruto da Nação». O País que somos!

PARTILHA — Na frente, assinalamos a passagem da assinante 27208, da Rua dos Bombeiros Portugueses (Faro), com presenças recheadas de muita delicadeza — e amor aos Pobres.

Assinante 44492: «Uma pequena lembrança (vai só um cheque) para dividir metade pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Tão pouquinho que não tem destino. Juntem a outras migalhinhas pequenas e ajudaremos, assim, juntos. Desejo-lhes o maior bem e Deus nos fortaleça na Sua Fé e na Sua Esperança». Estímulos espirituais. Não se medem por notas de Banco.

Vem lá, agora, «uma assinante de Paço de Arcos com saudações fraternas, a amizade de sempre e a partilha de Abril»: cheque de dez contos. A décima parte da assinante 26302, do Porto, valor entregue por intermédio do Espelho da Moda. O costume — enquanto Deus der vida — de uma velha assinante, em Vilares (Vila Franca das Naves): 500\$00. Vale de correio, expedido pela assinante 33073: «Pequena ajuda para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus» — por uma intenção expressa.

«Avó de Sintra» persevera: «Um pouco atrasado, aqui junto o prometido para a 'Família do costume', a quem desejo alívio nas suas tribulações e saúde». Rua Vieira Portuense — capital do Norte: «Na passagem do aniversário natalício de meu marido, que Deus levou há oito anos, junto um cheque, sufragando a sua alma, para aplicarem onde for mais necessário — na Conferência Vicentina». Deus o tenha já no Céu!

Outro cheque, da Rua das Mercês (Porto), emitido por Amiga de velha data, com a amizade de sempre, e o destino que acharmos por bem. Mais outro, de Santa Cruz do Douro, «correspondente a Abril e Maio».

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado — bem português.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA S. FRANCISCO DE ASSIS — Maio, mês de Maria, mês da Mãe.

Quantas mães vivem com tantas dificuldades, sem ajuda do marido, da família ou da assistência social.

Os filhos precisam de ser alimentados, de vestuário, estudar, etc.

A mãe, sem meios, muitas vezes cai na desgraça da prostituição e não só, que a leva ao desespero e desinteresse pela vida e amor a Deus.

Deixa de acreditar na luta e no amor. E nós, como vicentinos, fazemos os possíveis por ajudá-los a ter esperança na vida e no amor de Deus. Dentro das nossas magras posses, levamos um pouco de amor: apoio moral, material, esperança e fé em Deus.

Para continuarmos a nossa missão precisamos muito da vossa ajuda e das boas palavras que tanto nos têm encorajado. Com este pequeno pensamento vos agradecemos.

O Espírito do Senhor nos dê coragem para evangelizar os mais desfavorecidos.

Assinante 7769, 5.060\$00; outra assinante, 1.000\$00. Assinante 33639, 5.000\$00; anónima, 5.000\$00 para o leite das crianças; 2.000\$00 mais 5.000\$00 para a casa de Miragaia; assinante 6410, 1.000\$00 para uma necessidade; anónima, 1.000\$00; mais uma telha do nosso amigo M. M.; de Maria Bernardete recebemos um vale de 18.000\$00, destinado às gémeas; 1.500\$00 mais 500\$00 da assinante 19127; Lígia, 3.000\$00; assinante 9072, 5.000\$00; mais dois anónimos com 1.000\$00 cada, para os mais desfavorecidos; e 1.000\$00, de J. R. D.

Continuamos a luta pela casa de Miragaia. Falta o terreno. Temos de o conseguir para dar casa a quem precisa. Deus pague a todos as vossas ajudas.

Maria Germana e Augusto

SETÚBAL

FESTAS — Da terra sempre se tira o fruto do nosso trabalho...

É o que acontece com as Festas: dois meses de horas livres dos nossos rapazes, um grande sacrifício. Agora, o fruto está a ser colhido. Sabe bem subir ao palco e ver o público, acolhedor, a dar o seu amor e carinho com seus aplausos.

Já actuámos em locais diferentes e o público diz: «Está linda!»

OBRAS — A estrada que dá acesso à piscina está pronta e, brevemente, também o nosso campo de futebol.

No jardim trabalha-se, a todo o vapor, para que a entrada de nossa Casa fique mais viva e bonita.

DESPORTO — Pedimos desculpa aos grupos desportivos que nos queiram defrontar, pois não tem sido possível, devido a dois grandes motivos que nos levam a cancelar tudo o que é desporto: 1 — A maior parte dos atletas são «artistas» e, por isso, temos que os deixar descansar. 2 — O campo de futebol ainda não está totalmente pronto.

A partir de agora, contamos marcar datas para encontros de futebol. Esperamos que haja muitas equipas receptivas.

Martinho



Uma parte do pequenino horto que abastece os jardins da nossa Aldeia — em Paço de Sousa.

Do que nós necessitamos

Não é fácil dar à luz esta coluna. É fruto de muita dedicação, porque é gerada no coração dos leitores d'O GAIATO e dos Amigos da Obra da Rua. Traz a marca da renúncia ale-

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO CENTRO

Vamos realizar mais um Convívio, em Miranda do Corvo, marcado para 25 de Junho. Revelaremos o programa na próxima edição. Mas, entretanto, enviaremos, a cada um, a habitual circular, dando a conhecer todos os pormenores; até porque, este ano, haverá eleições que queremos bastante participadas.

Assim, tudo se processará mais ou menos nos moldes habituais. Algumas pequenas diferenças poderão estar na forma como o dia irá ser preenchido, em especial na parte da tarde, pelo que nos atrevemos desde já a convidar alguém interessado em colaborar com os seus dotes naturais — cantando, tocando ou contando anedotas (decentes) — quer seja antigo Gaiato, mulheres ou filhos, com algum instrumento musical ou que produza música, dará uma ajuda inestimável.

Talvez se organizem alguns passatempos (em estudo), tais como: jogos ou concursos, etc.

O futebol, do costume, será diferente, sem competição; mas, se quiseres fazer o gosto ao pé ou molhar o rabinho na piscina podes ir preparado com o material necessário para o efeito.

Não queremos deixar de noticiar que, há cerca de três meses, desapareceu, vitimado por doença, um antigo colega, de que muitos se lembrarão: o Manuel Ferreira, de Coimbra. Aqui deixamos expresso o nosso sentimento de pesar à família. Paz à sua alma.

Machado

gre e purificadora da consciência. Acreditamos que é, também, um espaço de reconciliação com Deus e com os Outros. Verdadeira experiência de coragem e humildade:

«Com a certeza de que a Obra da Rua só acabará quando acabar o amor ou seja nunca mais acabará... Venho juntar o cheque de 100.000\$00 para sufragar a alma de minha querida esposa». Num papel simples, mal ajeitado, estes dizeres: «Queridos amiguinhos, como empregada doméstica fiz intenção de, quando receber a minha reforma, enviar esta importância de 10.000\$00». Não fosse a falta de espaço, havíamos de pôr, sobre o alqueire, todos os candelabros para que ninguém tivesse a desculpa de não ver.

O marido paga a assinatura do jornal com dez mil e diz que «o resto é de minha mulher que é inválida e é o aumento da pensão de invalidez; queria que fosse para o Calvário — para aqueles que sorriem na dor». Mais alegria por poder reparar, sufragando a alma dos pais; pedindo a saúde do irmão gravemente doente e, mais ainda: «que Jesus faça crescer a minha fé, quase a apagar-se, envio cem mil escudos». Mãe e filha, na África do Sul, 50 mais 20 Rands. Quanto apreciamos a vossa amizade! Mais corações, fora de Portugal, na Alemanha, com 100 marcos, na festa das bodas de prata do matrimónio. Agora, é uma viúva que celebra a sua comunhão de amor com o marido já falecido. Manda 50 mil, por intermédio do sacerdote.

De Santarém, uma carta cheia de juventude e de esperança pelo optimismo que respira: «Vê-se que há tanta coisa boa, muita partilha, muito amor, muita dedicação; sem esconder o sentimento de segura, e aridez do deserto, de grande parte da comunicação social que nos abafa, tantas vezes, com as notícias deste pobre mundo».

De Fafe, mãe que pede a assinatura d'O GAIATO para sua filha de 7 anos, para que «comece desde pequenina a conhecer a vossa Obra». Que delicadeza! Outra mãe partilha connosco a carga amorosa e dolorosa, também, dos seis filhos

que leva ao seu cuidado. Recebemos os 5.000\$00. Da E. D. P., a presença habitual da amiga que fica no silêncio, com 6.000\$00. Da Sílvia e família, duas notas de 100\$00. O João Tiago, de 4 anos, já anda e vem pela mão dos pais com 4.000\$00. Mais a presença da equipa paroquial de Caridade e Acção Social, da Branca. Parte de atrasos da pensão de reforma, 20.000\$00, num papel escrito à pressa, esconde um segredo que só Deus conhece e acompanha 10.000\$00. Outro tanto, da assinante 22890, agradecida pela graça da leitura d'O GAIATO e beijinhos para os queridos «Batatinhas». Mais um cartão simpático para assinalar a passagem das «90 Primaveras», com uma lembrança de 1.500\$00. Outro pároco serve de recoveiro e envia 20.000\$00.

Mais um coração agradecido «pois nunca esperei fazer isto, mas Deus tem-me ajudado tanto! Tem sido tão generoso para comigo! Para o que melhor entender, junto um cheque de 40.000\$00». Mais: «Aproveito a oportunidade para lhes agradecer O GAIATO que tanto me ajudou e continua a ajudar e envio 15.000\$00». Assinante que não dispensa O GAIATO pede para o receber também em Luanda (Angola). Grupo 3K mantém a regularidade da sua presença. Recebemos os 22 mil, mas não revelamos os nomes, sem deixar de agradecer o «contem connosco sempre que pudermos».

Guardamos, no segredo e devotadamente, o pedido desta mãe, lá longe, na Alemanha: uma pequenina oração pela paz do seu lar e que Deus a ajude a criar três filhos pequeninos. Outra família unida no dom que faz: marido, esposa e filha, com 50.000\$00. Pai, muito aflito, quer fazer tudo para salvar o filho que se droga. Está bem, uma ligeiríssima referência no jornal, para não se perder tempo, e a certeza de que a acompanhamos nos seus cuidados de mãe pelos seus filhos. Recebemos os 45.000\$00. Da Comissão de Monitores dos C. T. T., da cidade do Porto, 95.000\$00. A satisfação com que fizeram esta dádiva é um sinal de alívio para as suas consciências. Bem hajam.

A luz, quando brilha, gera vida. Não é a luz um dos símbolos da vida? «Nós somos muito preguiçosos e comodistas. Que Deus me ajude a dar mais do pouco que tenho, pois estou com baixa há 20 meses, não sabendo se vou ainda ser operado...» As dores, a incerteza, a insegurança no futuro, seriam motivo suficiente para não fazer mais, segundo o pensar comum. O assinante 40797 não se conforma. Acredita em Cristo Rei e Senhor e, por isso, avança. Só dizemos que chegaram os 250.000\$00 que nos mandou. Também não agradecemos os 180 mil. Repartimos, como pede. Com este tijolo de vinte mil, rematamos a coluna, hoje.

Padre Manuel António

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Neste mundo conturbado, cheio de ódio, inveja e ingratidão, onde parte da Humanidade procura esmagar a outra, é consolador receber cartas que nos transmitem forças para ultrapassarmos os tremendos obstáculos que diariamente surgem e nos ajudam a enfrentar o egoísmo de muitos corações.

Da correspondência recebida; extraímos algumas passagens para que também possais saborear:

«Nunca tive casa própria; mas tenho, graças a Deus, uma casa para viver com o mínimo de dignidade.

Foi assim que ao ler o vosso quinzenário, de 8 de Abril, me caíram no coração as lágrimas de dois antigos gaiatos que não se podiam candidatar à Cooperativa de Habitação por as suas condições de vida difícil o não permitirem com seus escassos vencimentos.

Deste modo e para que nenhum gaiato do Padre Américo deixe de ter a sua casa, junto envio um cheque de 100.000\$00, pequena mas sincera ajuda que eu quero prestar.»

O sublinhado é nosso.

A assinante 37579 diz:

«Envio um cheque de 2.000\$00 para juntar ao monte daqueles que querem comprar casa através da Cooperativa e não têm possibilidades. Eu sei que é pouco, mas é de boa vontade.»

Para além daquelas ofertas, recebemos, ainda: Do Algarve, 10.000\$00; assinante 46204, 1.000\$00; Maria Luísa Araújo, 10.000\$00; Maria Isabel Rocha, 2.500\$00; anónimo, de Lagoa, 10.000\$00.

Relativamente ao arranque do loteamento de Paço de Sousa, aguardamos a entrega do projecto para que possamos pôr a concurso a construção das moradias.

É nossa intenção que a este primeiro conjunto de casas seja dado o nome de «Bairro Pai Américo».

Para a área do Porto, Gaia, Matosinhos e Maia, já temos muitos interessados. Esperamos que, na devida altura, as respectivas Câmaras nos ajudem a resolver o problema dos terrenos.

Carlos Gonçalves

DOCTRINA



...aborrecido da própria família...

• Mais duzentos escudos de um sacerdote, «que eu poupei nas termas». Que lindo aquele poupar! Privações, não; ninguém pede sacrifícios; mas se o mundo elegante soubesse poupar para o mundo pobre, eu podia facilmente organizar já, este ano, um terceiro turno feito de rapariguinhas das ruas. Assim, tenho de fechar as portas e ir-me, porque tu vais-te de Coimbra e nas praias e termas não poupas.

• Poupar no comer, poupar no vestir, poupar no zarcão! De tal maneira o mundo se diverte e com tamanho estrondo se pinta, que as famílias pobres estremeçam em suas casas e sentem a vida a cair aos pouquinhos, abalada com tanto barulho. Mais respeito pelos sem-pão!

• Estamos no fim da primeira Colónia (de Férias). Os pequeninos passam os dias como flores em botão, num misto de saudades pelos pais que querem ver e pela Colónia que desejariam nunca perder de vista. Na submissão carinhosa em que os temos aqui, a gente educa sem magoar. É com o coração que nós corrigimos; com o coração que repreendemos e eles bebem tudo, estes pequeninos, por um milagre de amor, como dantes beberam o leite nos peitos de suas mães!

• O «Zé Mau» é o campeão das proezas da Colónia. Veio com a roupiça segura em pontos e, agora, que os partiu a trepar a tudo, anda em fralda de camisa. Num dos seus dias mais felizes, que foi a semana passada, desfez vinte e quatro camas nos dormitórios, entrou na capoeira e partiu ovos, enfiou uma batata quente no ouvido do parceiro e, no passeio da tarde, foi surriscar um ninho de abelhas e pagou-as todas...! É assim o «Zé Mau».

P. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 1.º vol.)

RETALHOS DE VIDA

O «LITO»



O meu nome: Carlos Alberto Ramos. Sou conhecido por «Lito» e nasci a 23 de Novembro de 1979, em Lubango — Angola.

Estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há sete anos. Ando na Escola Primária. Tomo conta dos mais pequeninos — os «Batatinhas». Faço a limpeza do bar e sou distribuidor do nosso jornal.

Vim para a Casa do Gaiato porque o meu pai batia na minha mãe e ela regressou a Portugal.

Vou estudar muito para ser um homem!

Carlos Alberto Ramos («Lito»)

TRIBUNA de COIMBRA

• Ontem foi um dia de muito trabalho para todos e trabalho duro para alguns. Trabalhos agrícolas. O tempo de chuva não deixou fazer todas as sementeiras e os últimos dias de sol quente apressaram o que estava atrasado. Saboreei o sentido do ditado popular: *Sol na eira e chuva no campo*. Se isto fosse fácil!...

Fizemos, nestes dois últimos dias, a colheita da erva. Palha para as vacas e semente para nova produção. Tem de ser tudo bem seco e enxuto. Não houve mãos a medir: Dois grupos com máquinas ceifeiras e dez artistas com foicinhas nas mãos. Os mais velhos todo o santo dia bateram erva na eira. O dia terminou com os trabalhos feitos e com

a alegria do pão ganho com o suor do rosto. Quase todos foram para o balneário e se regalaram debaixo da água morna.

Senti mais uma vez a grande alegria de sermos uma família. Este trabalho só foi possível com a união de todos. Em grupo, na véspera e já na cama, diziam uns aos outros: — *Se pegarmos a sério nas foicinhas cortamos tudo em poucas horas.*

Foram dois dias em que não houve aulas. Os chefes comentavam entre si e com certa graça: — *Foi muito bom que os professores tivessem reuniões. Se houvesse aulas ninguém era capaz de fazer este trabalho.*

Embora a noite parecesse mais pequena para alguns, o dia de hoje começou com a mesma esperança. Na oração da tarde só éramos quatro junto ao altar, mas rezámos em comunhão com todos e pedimos ao Senhor a bênção para o nosso trabalho.

• Neste dia, de muito trabalho e preocupações, procurei comungar da alegria de um dos nossos rapazes que assinou o seu com-

promisso de funcionário público. Como ele contou, com os olhos arregalados, o prazer que sentiu por ter a confiança do presidente e do chefe da secretaria! Ele tem procurado fazer a sua promoção. Está sempre pronto para ajudar no que seja necessário. Sempre disponível.

Em pequenino foi abandonado. A mãe, traída. Aproveitaram a sua pouca idade e o filho nasceu. Inter-

nado em casa de crianças, só mais tarde conheceu a mãe e, há pouco, os irmãos. Aos seis anos, recebemo-lo nesta nossa Família.

Ontem, comprou um garrafa do melhor vinho para o nosso jantar. No fim, teimou para que fôssemos tomar a bica ao bar nosso vizinho. Agradei a Deus estes dons saborosos.

Padre Horácio

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

sociedade triste! Referia-se ao país onde esteve a trabalhar, alguns meses, como emigrante.

É a vítima que se dói. Agora, já salvo, quer salvar os outros e aponta o caminho. Mais: quer salvar Portugal, para que não venha a tornar-se uma sociedade mais triste pela desgraça que vai minando a família. O filho da rua a apontar o caminho aos grandes e aos pequenos. Vi a alegria da esposa e dos filhos. Se fosse só por um valia a pena ter dado a vida. Mas eles são tantos, por graça de Deus!

2 Um dos momentos mais ricos, na vida da Obra da Rua, dentro das Casas do Gaiato, é a hora do casamento dos rapazes. É um ponto alto na subida da montanha. Depois, há que continuar a subir, já não um só, mas ele e ela, até chegarem ao fim. São horas felizes aquelas em que os três nos juntamos para a preparação próxima da celebração da festa. Recordo cada um como um momento presente.

É a família que está em causa. Toda a vida passa pela família. O nosso casal gaiato deu conta: «É

uma sociedade triste!» Triste, porquê? Faltava o espaço humano, estável, onde em cada dia marido e mulher, filhos e filhas, experimentassem a maravilha do dom de suas vidas, sempre renovado pela alegria que vai no próprio dom.

Somos felizes quando nos damos. É a lição da experiência. Por isso, quanto mais pura e universal for a doação da vida, mais feliz é a pessoa.

3 Naquela tarde de domingo veio a filha, já adulta e madura, acompanhada de seu pai que lhe deu transporte. Quis saber como era a nossa vida. Deu conta de que o seu coração de mulher, chamado à maternidade, tinha uma medida maior do que o espaço da família comum. Queriam viver o amor maternal, à imagem e semelhança do Amor Trinitário, cuja festa acabámos de celebrar. Que dizer? Só Deus pode revelar estes segredos no silêncio da intimidade de cada mulher. São verdades para ser entendidas no dia-a-dia. Não podem ser explicadas. Vividas, sim. Falai, Senhor!

Padre Manuel António

DIA VICENTINO INTER-DIOCESANO na Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Está marcado para 11 de Junho, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, o Dia Vicentino Inter-Diocesano organizado pelos Conselhos Centrais do Porto (Masculino e Feminino) da Sociedade de S. Vicente de Paulo, com o seguinte programa:

9,30 h, recepção e acolhimento; 10 h, dimensão humana, social e espiritual de Pai Américo — testemunhos; 11 h, Eucaristia presidida pelo Arcebispo-Bispo do Porto, Senhor D. Júlio Tavares Rebimbas; 12,30 h, almoço comunitário; 14 h, convívio; 15,30 h, sessão final e despedida; 17,30 h, visita guiada à Aldeia dos Gaiatos.

Para além dos(as) vicentinos(as) da Diocese do Porto, os responsáveis aguardam a presença de vicentinos(as) e Conselhos Centrais das Dioceses vizinhas (Braga, Viana do Castelo, Bragança, Vila Real e Aveiro).

Um dia de reflexão para quantos se dedicam, voluntariamente, ao serviço dos mais carecidos.

«Não há ninguém no mundo que seja capaz de compreender e amar os Pobres, se não for ou não quiser ser tão pobre como eles são», afirmou Pai Américo, cuja vida e Obra alertou e motivou as comunidades cristãs: «Os tristes panoramas sociais (...) começarão a ser diminuídos no dia em que uma só divisa venha a ser a ordem do dia, desde S. Gregório até Faro: Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

Júlio Mendes

Novos Assinantes de O GAIATO

A comunicação, oral e escrita, é faceta importante na vida e Obra de Pai Américo, na Evangelização dos Pobres. O GAIATO, livro da sua alma — espelho da Revelação; ressonância do calvário dos Pobres — imagem da Paixão de Cristo; voz dos sem voz; denúncia para a sua promoção e integração no meio. Sem deixarmos de acentuar outro aspecto, pessoalíssimo: a forma como Pai Américo visionava os factos mais característicos do dia-a-dia das nossas comunidades — *o rés-do-chão*, «de maneira que o 'Zé da Lenha' entenda». Trechos antológicos, a maior parte reunidos nos dois volumes *Isto é a Casa do Gaiato*, que mexem, a sério, com a sensibilidade do leitor, bases da sua linha pedagógica: **Fazer de cada rapaz um Homem.**

O introito tem justificação para chegarmos ao permanente interesse de

Pai Américo na expansão d'O GAIATO, facto que gravámos desde a primeira edição — há quarenta e cinco anos; na distribuição d'O GAIATO pelas ruas, termas, praias e igrejas do norte de Portugal. Naquele tempo, gente espantada com a ousadia de Pai Américo, na Liberdade (responsável) proporcionada aos seus filhos. Os comentários que ouvimos! As nossas respostas. As reflexões em Casa. A emulação criativa de levarmos o Famoso a todos os portugueses, sem distinção.

A concretização do sonho latente no seu coração — **vamos prós cinquenta mil** — não chegou a apreciá-lo, humanamente. Mas, no Céu, preparou terreno, sementeira para o concretizar. Leitura que fazemos à luz da Fé.

Estamos com a tiragem superior a 70.000 exemplares e **vamos prós 80.000**. Sonho que não será utopia. Di-lo a acção dos Padres da Rua. No caso vertente, do nosso Padre Carlos: nos últimos dois meses trouxe quase setecentos novos assinantes da região de Aveiro e quase duzentos da cidade de Braga (S. Lázaro e Cividade)! Missão que está longe do seu termo.

O nosso Padre Telmo, de visita a duas paróquias vizinhas do Calvário, motivou cem novos assinantes.

Deixaram inquietação. Um rumo (talvez omissis) para os cristãos: o Mandamento Novo.

Curiosamente, a par destas acções, é fértil o dia-a-dia — em todas as nossas comunidades — na inscrição de mais leitores, pelo correio ou em mão própria. São pais que transmitem o Famoso aos filhos: «Desejava tornar-me assinante d'O GAIATO que conheço, há muitos anos, através dos meus pais» — presença das Caldas da Rainha.

A Família completamente interessada na leitura do pequenino mensageiro: «Increvem a minha sobrinha como assinante. Se for possível, enviem já o exemplar da próxima edição, pois ela faz 17 anos e é a prenda que ofereço» — carta de Riomeão.

Que dizer daqueles que mastigam O GAIATO avulso, perdem números sobre números e agora pedem a remessa ao domicílio? «Incluem-me como assinante, pois desejo receber o jornal — que leio já há anos assiduamente — pelo correio» — carta do Marco de Canaveses.

Que dizer, ainda, da legião de Amigos(as) que não param e levam O GAIATO a todo o lado?! Gaia: «Envio um cheque para três novas assinaturas. Tenho a certeza que Deus irá acordar estas três amigas através do vosso jornal».

Fica tanto por dizer!

Júlio Mendes

O DIREITO DA FAMÍLIA

Cont. da página 1

conquista; um vazio de ideal...

Pois se os problemas surgem, é preciso que alguém sobre eles se debruce; e que a gestão de um Povo não se esgote no económico, na qualidade de vida fundada nos valores desta espécie e nos ecológicos, nas obras públicas, na disponibilidade de estruturas para todos os gostos e, até, alguns caprichos — valores reais, a procurar com determinação, mas não valores supremos, que mais que todos eles é o Homem; e a qualidade autêntica da sua vida nasce de dentro dele para fora. A Família é o viveiro propício a esta germinação. Aqueles valores podem e devem ser condição favorável ao crescimento do Homem, mas nunca o serão se absolutizados, porque tal é falso e redundante em desdignificação do Homem.


Portanto, sem desmerecer o esforço que se faz na busca desses bens, o que queremos dizer é que se não omita uma concomitante atenção mais imediatamente dirigida ao Homem na sociedade celular em que ele nasce e cresce, a Família, defendendo-a de agressões que, sem querer, mas com imprevidência, lhe podem produzir medidas bem intencionadas mas falhas de universalidade, que acabam por tornar-se fonte de contradição.

O equilíbrio é meta difícil para o Homem. Na linguagem dos contabilistas se ouve falar a cada instante em partidas e contra-partidas. No mundo físico se aprende que, para haver estabilidade, a toda a acção se tem de opor uma reacção pelo menos igual e de sinal contrário.

Pois que as Finanças tratem de finanças, a Economia de economia, as Obras Públicas das ditas obras, a Instrução do bom nível científico e pedagógico das Escolas que rege... Mas que haja no concerto da governação de um Povo um pelouro, com espírito e voz forte, que trate da Família e seja um foco de humanização das leis, funcionando de «cardeal-diabo» para os outros pelouros, em busca de acerto dos caminhos que levem à felicidade e progresso verdadeiro de todo o Povo.

A perfeição, decerto, não vai surgir de um jacto. Mas assim mais seriamente se tenderá para ela.

Padre Carlos



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Folcamp e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239
Tiragem média, por edição, durante o mês de Maio: 72.270 exemplares